

# Informativo Cataguazense

BOLETIM Nº - 66

ANO - 6

DEZEMBRO/2007

## ANIVERSARIANTES DO MÊS DE DEZEMBRO

Dia	Nome do aniversariante	Grau de Dependência	Nome do Obreiro responsável
5	Analice Corrêa Machado	Filha	Ottonio Machado Queiroz
11	Maria Alice Oliveira Brito	Viúva	Oswaldo Venâncio de Brito Filho
11	Maria de Lourdes Souza Abrita Paula Rocha	Esposa	Ilizeu Paula Rocha
16	Maria Aparecida de Araújo	Esposa	Sebastião Henriques de Araújo
20	Rackel Corrêa Machado	Filha	Ottonio Machado Queiroz
21	Flávio Augusto Thomás de Castro Rodrigues	Filho	Newton Rodrigues Filho
23	Gilson Fabiano Monteiro de Amorim	IRMÃO	
27	Ronan Gustavo Carvalho Furtado	Filho	José Roberto Furtado
29	Guilherme Abrita Paula Rocha	Filho	Ilizeu Paula Rocha
31	Elaine Aparecida Mourão Mendes	Esposa	José Carlos Mendes

## CALENDÁRIO PARA O MÊS DE DEZEMBRO

DIA	SESSÃO	GRAU	DESCRIÇÃO	TRAJE
07	ECONÔMICA	1º Aprendiz	Instrução	BALANDRAU
14	Jantar de confraternização familiar			ESPORTE



*Carlos Gomes*

*O injusticado*

*Autor desconhecido  
Transcrito do Boletim de "O Cosmopolita"  
Or.: Ponte Nova = MG*

Maçom Antônio Carlos Gomes, viu a verdadeira luz, em 24 de julho de 1859, iniciado na Gr.: Ben.: e Gr.: Benf.: Loja "Amizade", de São Paulo, juntamente com seu Irmão José Pedro Santana Gomes.

Antônio Carlos Gomes nasceu na atual cidade de Campinas, estado de São Paulo, na época chamada Vila São Carlos, aos 11 de junho de 1836. Seu pai, Manoel José Gomes, reputado professor de piano, canto, órgão e violino, na vila era conhecido pelo apelido de Maneco Músico.

A vida de Antônio Carlos Gomes foi, sempre, marcada pela dor. Seu pai vivia em dificuldades, com 26 filhos para sustentar. Com eles, formou uma banda musical, na qual Carlos Gomes iniciou seus passos artísticos.

Nessa época, Antônio Carlos Gomes alternava seu tempo entre o trabalho numa alfaiataria costurando calças e paletós, e o aperfeiçoamento dos seus estudos musicais.

Ao longo da vida, Carlos Gomes esteve dividido entre duas pátrias, duas nacionalidades. Ao adotar a Itália como segunda nação, o compositor foi duramente hostilizado pelos brasileiros que o viam como um aproveitador do dinheiro público, já que tinha como “mecenas” o imperador D. Pedro 2º. Em contrapartida, os italianos o enxergavam como um mercenário, pois acreditavam que ele produzia arte com fins comerciais — *O Guarani*, inclusive, foi vendido a um editor.

Nos anos de 1860, deveria apresentar uma composição. Mas caiu doente atacado de febre amarela, impossibilitado de comparecer. Sua ausência foi muito lamentada. Eis, porém, que surge o imprevisto: quando o maestro ia dar início à “cantata”, o jovem campineiro surge no estrado, olhos brilhando de febre, e pede a batuta para dirigir sua peça. Nada o demovera de ir dirigir. O resultado foi emocionante. Aplausos e mais aplausos, a que Carlos Gomes não pode resistir e desmaiou, sendo levado para casa, sem sentidos. Isso tudo chegou ao conhecimento do soberano, que mandou levar-lhe uma medalha de ouro, como recompensa a seu esforço e talento. Começou, então, a marcha triunfal do moço campineiro.

Na Itália, Carlos Gomes casou-se com Adelina Péri, que devotou toda sua vida ao maestro. Desse consórcio, nasceram cinco filhos muito amados pelo compositor. Todavia, um a um foram morrendo em tenra idade, tendo restado somente Ítala Gomes Vaz de Carvalho, que escreveu um livro, em que honrou a memória de seu glorioso pai. Carlos Gomes, porém, não mais perseguia somente a glória. Abalado por seguidos e profundos desgostos, doente, desiludido, procurava uma situação que lhe permitisse viver em sua pátria e ser-lhe útil.

O fim do Império coincidiu com o declínio da carreira do compositor.

O novo regime republicano negou-lhe a pensão que solicitara através do Ir.: Francisco Glicério. A atitude do Governo parecia incompreensível de vê-lo que o mérito e serviços prestados ao país não faltavam ao solicitante. Além do mais, a maioria dos membros do Governo era composta por maçons. Havia, contudo, uma razão e que levava a todas as outras. Carlos Gomes era amigo e protegido da Família Imperial que havia sido banida do país.

Por fim, amparado pelo influente Ir.: Lauro Sodré, então Governador do Pará, que lhe havia conseguido o cargo de Diretor do conservatório de Música de Belém, Carlos Gomes pode voltar a Pátria em 1895.

Mas já minado pela doença, desde que diagnosticou a presença devastadora de um câncer na boca, quase não chegou a tomar posse no cargo.

Em julho daquele mesmo ano o Ir.: Campos Sales, Presidente do Estado de São Paulo concedeu-lhe uma pensão mensal de dois contos de réis e após sua morte, uma pensão de quinhentos mil réis, aos seus filhos, até completarem a idade de 25 anos.

Foi um gesto nobre, mas tardio, pois Carlos Gomes viria falecer, em Belém, a 16 de setembro de 1896, aos 60 anos às 22 horas e 20 minutos. Seu corpo foi embalsamado, fotografado e, em seguida, exposto a visita pública, cercado de flores e objetos como partituras e instrumentos, bem de acordo com a idealizada “morte bela” do Romantismo injustiçado pelo País que tanto amou ao qual tanto engrandeceu com sua arte excelsa. Como uma enorme emoção passasse a dominar a sensibilidade nacional o Governo Republicano viu-se compelido a rever ao ilustre Ir.: que acabara de partir para o Oriente eterno.

O ministro da Marinha determinou então que o barco Itaipu — Mais tarde batizado de Carlos Gomes — transportasse o compositor para sua terra natal. Foi preciso que o “amigo da monarquia” passasse para outro plano para que nas relações interpessoais o sentimento fraterno, tão caro aos maçons, voltasse a prevalecer sobre as Razões de Esta-

do. Separado da mulher, arruinado pelas dívidas, com a mesada oferecida por Dom Pedro II cortada pelos republicanos, morre pobre, mas orgulhoso por ter recusado o convite do Marechal Deodoro para compor o Hino Nacional. Jamais poderia trair a amizade do Imperador deposto.

“O *Guarani*” é a única ópera latino americana que, até hoje, se mantém em cartaz nos teatros do Primeiro Mundo. Constitui, além disso, uma espécie de 2º Hino Nacional, especialmente sua triunfal Protofonia



*Decepção não mata.*

*Ensina a viver!*

*Transcrito do Boletim Cosmopolita*

Quase sempre criamos expectativas em nossas relações pessoais, afetivas, familiares. Confiamos, acreditamos, gostamos e muitas vezes nos decepcionamos e nos machucamos. Criamos ilusões diante de quem conhecemos e quando estes têm comportamentos inesperados, o chão de nossa segurança desaparece e nos sentimos ameaçados. Como defesa para não sentirmos a dor, negamos, fugimos, mas logo a mágoa volta para nos lembrar que fomos enganados, traídos.

Mas olhemos para trás e analisemos tudo que aconteceu e de que maneira esses acontecimentos nos ajudaram a crescer interiormente.

Amizade, cumplicidade, ética, responsabilidade, são valores hoje muito difíceis de serem encontrados, talvez por isso, seja tão importante valorizarmos aqueles que nos são caros, que mostram coerência entre o que sentem, fazem e falam. Confiar em alguém nos dias de hoje é algo muito delicado, principalmente se você se considera uma constante de pessoas assim. Não será hora de parar um pouco e repensar sobre seus próprios valores e a forma de conduzir a própria vida? Ou ainda, não confiar tanto assim? Você pode sofrer por ter sido enganado, mas sofrerá muito mais por ter se deixado enganar.

Os principais responsáveis por nossas decepções somos nós mesmos, pois idealizamos a outra pessoa e ainda que inconscientemente, projetamos nela a responsabilidade de satisfazer nossas necessidades. Assim, perdemos a capacidade de discernir a realidade da necessidade e a própria responsabilidade de suprimirmos nossas carências.

Se reparar melhor e voltar um pouco ao passado, talvez perceba que foi enganado na verdade, por ignorar sua intuição, sua voz interior, que quase sempre diz: “não vai dar certo, não confie”. Ignoramos nossos valores como se não fosse correto confiar em nossa própria voz.

De nada adiantará ficar revoltado, brigar com o mundo, achar que não se deve mais acreditar no ser humano. Mas talvez seja importante para você acreditar acima de tudo em você mesmo.

Lembre-se que quem engana ao outro, na verdade, está enganando e fugindo de si próprio.



## Sorriso

### O menino que queria ver Deus

Transcrito de Boletim Informativo “CONSTÂNCIA”

Havia um pequeno menino que queria se encontrar com Deus. Ele sabia que tinha um longo caminho pela frente. Um dia, encheu sua mochila com pastéis e refrigerantes e saiu para brincar no parque. Quando ele andou umas três quadras, encontrou um velhinho sentado em um banco da praça olhando os pássaros.

O menino sentou-se junto a ele, abriu sua mochila e ia tomar um gole de refrigerante, quando olhou o velhinho e viu que ele estava com fome, então lhe ofereceu um pastel.

O velhinho muito agradecido aceitou e sorriu ao menino. Seu sorriso era tão incrível que o menino quis ver de novo. Então ele ofereceu-lhe seu refrigerante. Mais uma vez o velhinho sorriu ao menino. O menino estava tão feliz. Ficaram sentados ali sorrindo, comendo pastéis e bebendo suco pelo resto da tarde sem falarem um ao outro.

Quando começou a escurecer o menino estava cansado e resolveu voltar para casa, mas antes de sair ele se voltou e deu um grande abraço no velhinho. Aí, o velhinho deu-lhe o maior sorriso que o menino já havia recebido. Quando o menino entrou em casa, sua mãe surpresa perguntou ao ver a felicidade estampada em sua face. O que você fez hoje que lhe deixou tão feliz assim? Ele respondeu. Passei à tarde com Deus, você sabe, Ele tem o mais belo sorriso que eu jamais vi.

Enquanto isso, o velhinho chegou em casa com o mais radiante sorriso na face e seu filho perguntou: Por onde você esteve que está tão feliz. E o velhinho respondeu: Comi pastéis e bebi suco no parque, com Deus. Você sabe que Ele é bem mais jovem do que eu pensava.

*A face de Deus está em todas as pessoas e coisas que são vistas com o olhar do amor e do coração. Que Deus abençoe você que está lendo esta mensagem e ilumine o seu coração para que você possa oferecer a muitas pessoas o sorriso de Deus, ou talvez esteja guardando dentro de você enquanto muitos têm fome e sede DELE.*

#### EXPEDIENTE

Venerável e Diretor Geral  
Carlos Alberto Carrara de Araújo  
Afonso de Sousa Rocha  
Redator Geral  
Órgão Informativo da  
Loja Maçônica Cataguazense  
Praça Rui Barbosa – 222/3º = Centro  
CATAGUASES – MG  
CEP 36770-034 = Fone 0xx32-3421-1424  
[cataguazense@cataguazense.com.br](mailto:cataguazense@cataguazense.com.br)

## Natal e Ano Novo

*Natal lembra, paz, fraternidade, amizade, solidariedade, reflexão e amor... Ano novo lembra, futuro, prosperidade e realizações...*

*O Venerável-Mestre da Centenária Loja Maçônica Cataguazense – 052, em conjunto com a sua Diretoria, desejam a todos Ilr.: e Familiares, perenes votos de felicidade no decorrer dessas duas datas de suma importância na vida de todos nós.*

*Que o G.: A.: D.: U.: abençoe e proteja a todos.*

